

Felicidade e Bem Viver no Campo: a história de vida da Família Santos



Toda pessoa do campo às vésperas de terminar a vida deveria ter a chance de ir a uma grande capital. Só para sentir, na volta à comunidade rural, a sensação do retorno à sua terra. A confirmação da terra no retorno a ela. Para o casal Ivoneide dos Santos e Valdecildes dos Santos, e a filha Clécia, voltar à terra onde nasceram é motivo de muita felicidade. Família de agricultoras/es nascidas/os na comunidade Baixa do Couro, em Jacobina-Ba, localizada a aproximadamente 36 km do centro da cidade, Seu Valdecildes, também conhecido como Passarinho, Cigarra, Sabiá e Coelho, acompanhado por Dona Ivoneide e Clécia saíram de sua comunidade em 1999 para passar um ano em São Paulo. E foram ficando, foram ficando, foram ficando, até que demoraram longos 9 anos distantes da terra natal, sempre pensando em voltar. "O objetivo era adquirir algo melhor em pouco tempo, e esse pouco tempo se tonou grande", contam. Para a família, felicidade e bem viver está mesmo é no campo. "O cabra mora em cidade, mas não tem nada melhor de que morar no campo e trabalhar na roça, não", diz Valdecildes, e continua: "Lá fora praticamente você não vive, né? É um tempo que você tá ali mas é corrido demais. Aqui você ainda tem sossego. Cê deita e dorme tranquilo. Lá tinha vezes que 22h, 23h da noite eu ainda tava no mundo

fazendo serviço, trabalhando”.

Quando voltaram à Baixa do Couro há 9 meses, na falta de serviço para encontrar o ganho pensaram: “vamo inventar alguma coisa pra sobreviver”. E adivinha o que escolheram? Trabalhar na terra! Plantar e colher! Comer da terra de onde saíram para procurar o sustento. A família de Ivoneide, Passarinho e Clécia se juntou à família do casal Ivanilda e Inácio, irmão de Passarinho, e filhos Iago e Daniel, para juntas começar a inventa de plantar hortaliças.

“A ideia foi inventada de uma hora pra outra. Tinha meu cunhado que já trabalha, tinha uma vizinha...A gente ficou curioso. Vai vendo os outro trabalhando, aí cê vai vendo que não é tanto dificultoso. Precisa de um pouco de cuidado a mais, né...Tem que tá sempre dentro. É uma coisa pouca mas que nunca pode abandonar”, contam.

Com o trabalho coletivo, a terra deu retornos. “Só de você ter uma alimentação saudável já é bom demais. Não é tão bom você tá comprando, pegando aquelas coisas dos outros que você nem sabe de onde é que vem”, nos ensina Inácio sobre segurança alimentar. “Dá outro retorno também. A pessoa leva na feira. Tem muita gente vendendo, mas prejuízo você não tem não”.

Em pouco mais de 9 meses as famílias irmanadas no trabalho coletivo já conseguiram uma horta bastante diversificada com pimentão, rúcula, cebolinha, coentro, alface, licuri, couve, pimenta, dentre tantos outros alimentos. A vegetação nativa preservada é essencial como fonte de matéria orgânica, além de barrar o vento e servir de abrigo aos predadores naturais de insetos.

É nesse lugar, que encanta e surpeende as/os visitantes, onde a água está chegando através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). E assim as famílias têm fé que as coisas melhorem mais. “No período que vai vim de estiagem já vai dar uma aliviada, né? Já vai dar pra pensar em produzir mais e uma outra qualidade de produção, né? E é uma água doce. Água salgada dá (para plantar) mas não dá que nem água doce não. Então vem uma questão que muda bastante”. Com esse esperar - não de quem espera, mas de quem sonha, luta e conquista políticas públicas que possibilitem a convivência com o semiárido e a permanência no campo - a família de Ivoneide, Valdecildes e Clécia, assim como outras tantas, que saíram para as cidades grandes, retornam para casa, voltam às comunidades onde nasceram, na certeza de que é possível viver com dignidade no Semiárido.